

## APRESENTAÇÃO

PAULA CRISTINA PEREIRA  
Universidade do Porto  
psilva@letras.up.pt

Este número monográfico da revista *Argumentos de Razón Técnica*, sobre *Modos e Figuras do Habitar na sociedade contemporânea*, reúne os textos – com as necessárias alterações a uma publicação – que correspondem às diferentes intervenções que tiveram lugar no *Colóquio Internacional Modos e Figuras do Habitar*, realizado no Porto a 20 e 21 de Novembro de 2008, e resulta de uma parceria com investigadores das Universidades de Cáceres, de Sevilha e Complutense de Madrid. Este encontro científico foi organizado no âmbito das actividades do Grupo de Investigação *Philosophy and Public Space*, do GFE do Instituto de Filosofia (I&D/502/FCT) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Constituindo um importante conjunto de reflexões sobre a problemática do *Habitar*, o tema deste Colóquio decorreu – tal como se podia ler no respectivo desdobrável – “da exigência de se renovar a reflexão face à complexidade das mutações espaciais, sociais e antropológicas ocorridas nas últimas décadas, cujo impacto nas configurações do humano, na cidadania e nos modos de habitar ainda se encontram por apurar em toda a sua extensão”.

O volume que agora se publica – organizado de acordo com a estrutura do próprio Colóquio, uma conferência inaugural, comunicações em sessões plenárias e uma conferência de encerramento – assinala um momento fecundo de diálogo e de confronto entre perspectivas, onde o horizonte de reflexão sobre o Espaço Público como cenário desvendou um conjunto de propostas de leitura de fenómenos que têm, provocatoriamente, emergido no espaço da magna problemática da cidade, e que constituem um desafio à reflexão filosófica. Desde muito cedo a Filosofia outorgou à cidade um estatuto proeminente. Da polis grega, passando pela *Cosmopolis* helenística, pela *Theopolis* medieval, ou ainda pela *Anthropolis* da Modernidade chegamos à *Tecnopolis* do século XXI, lugar de todas as promessas e de todas as incertezas. Nesta viagem identificam-se momentos, acontecimentos, conformando um roteiro que assinala na malha complexa de transformações o que de novo se abre à meditação sobre o espaço público em claro confronto com o privado e o íntimo.

As metamorfoses tiveram e continuam a ter um decisivo impacto no modo como o cidadão é e habita a cidade tecnológica. As reflexões levadas a cabo pelos investigadores conservaram a dimensão transdisciplinar de que se nutriu o

questionamento filosófico. Urbanistas, geógrafos, sociólogos, arquitectos e pedagogos alimentaram de seiva nova a discussão consagrando nesta *ágora* o espaço de confluência de inúmeras vozes.

A cidade contemporânea, apesar de conservar algo da sua essência, debate-se hodiernamente com os problemas que decorrem do extraordinário alargamento que a empurra violenta e continuamente para fora de si, num movimento excêntrico, que regista na cartografia as marcas do espírito e do tempo; marcas de espaços impessoais que conduzem, muitas vezes, à *marginalização* e *trivialização* (Maria da Conceição Azevedo).

A cidade global retrata um espaço onde vislumbramos algumas das questões mais prementes para a compreensão do modo como habitamos enquanto cidadãos. O desafio lançado por Alonso Andoni é que a grande cidade se deixe reconquistar pelos cidadãos, tornando-se de novo habitável, uma morada para todos, aniquilando, desta forma, tudo o que constitua condição de possibilidade de segregação ou exclusão. A mega cidade deverá convocar nativos, emigrantes, refugiados ou visitantes, crianças, adultos e idosos, deficientes, pobres e ricos, cada um acolhido na sua identidade e diferença, convergindo de novo para os lugares de confluência. Habitar, heideggerianamente, conserva o sentido de *resguardar*, “*salvar a terra, acolher o céu, aguardar os divinos, conduzir os mortais*” (Paula Cristina Pereira). O desenvolvimento da técnica e da tecnologia contemporânea têm deixado marcas de um desenraizamento a que Adélio Melo alude, mostrando na linha de Heidegger e Walter Benjamin o esvaziamento da dimensão do sagrado. Impõe-se ao homem a tarefa de transformar o habitar humano, regressando à pátria, enraizando-o física e metafisicamente num torrão sólido, num *hic et nunc*, íntimo, seguro, protector, verdadeiro lugar do ser e do poder-ser.

A paisagem urbana, nas últimas décadas, tem modificado profundamente a imagem que oferece de si, sendo que uma das dimensões que mais tem contribuído para esta transformação decorre da relação próxima entre as TIC e a dimensão política. Fruto do desenvolvimento daquelas, o poder político usa-as como instrumento de controlo sobre o cidadão, organizando os processos comunicacionais, disponibilizando e regulando a informação mas, em simultâneo, servindo-se dos dados individuais de cada cidadão para mais facilmente controlar e vigiar as suas acções (Fernando Bastos). O homem do século XXI habita cada vez mais numa nova cidade de cristal, onde os edifícios se fecham estruturalmente ao exterior, escondendo nas fachadas envidraçadas o frenesim do quotidiano, mas abrindo na videovigilância, na tecnologia informática e nos meios de comunicação de massa a máxima transparência (Joaquim Escola), “uma vontade de absoluta desocultação, de trazer à

transparência tudo o que resiste a mostrar-se, o que ameaça destruir, no caso do homem a privacidade e até a intimidade, dimensões que, acrescentamos nós, delinham a nossa morada primeira: nós mesmos e o nosso mistério” (Adalberto Dias de Carvalho). A invasão da privacidade configura uma nova forma de relação com o outro. O homem sente-se impelido a viver sempre fora de casa, situação que hodiernamente tem no ciberespaço a actualização do seu nomadismo, numa viagem sem caminho (Maria Assumpta Coimbra). O que exige, em geral, um papel mais activo no que respeita às pressões do progresso tecnológico, no sentido de não limitarmos a concepção de cidade a um diagrama analítico das funções urbanas (Fernando Brandão Alves) e, em particular, a recusa face à imposição crescente de espaços cada vez mais reduzidos que, em ultima instância, conduzem o homem à sua inexistência (Ângelo Monteiro).

O fenómeno da globalização, indissociável da conversão tecnológica da sociedade, transformou a cidade em tecnopolis (Joaquim Escola). Cada cidade constitui um bairro da cidade-mundo, onde cada cidadão é viajante numa diáspora digital, inaugurando outras oportunidades enquanto deambula nas auto-estradas da informação; a comunicação simultânea e imediata com os outros pode oferecer novos espaços de interacção e relacionamento interpessoal múltiplos e descentrados (Maria João Couto). A concepção clássica de cidadania já não responde cabalmente aos desafios da cidadania digital, pelo que o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação assume, como missão, garantir o acesso de qualquer um ao mundo digital e a tudo que aí se oferece, condição de possibilidade do exercício de uma autêntica cidadania. Nem à própria escola é outorgada oportunidade de ficar à margem desta reflexão.

A escola e a educação (Rosa Bizarro, Emanuel de Medeiros, Anne-Marie Drouin-Hans, Hélène Théodopoulou) de uma forma global, o agir educacional (Manuel Ferreira Patrício), de forma particular, constituem fontes incontornáveis para o questionamento aos modos e figuras do habitar na sociedade da informação e da comunicação. As dificuldades de relação, os conflitos sociais e culturais que irrompem no coração da cidade, invadem paulatinamente os espaços escolares, derrubando os muros “protectores” da escola e na brancura gélida das paredes dos edifícios, abrem fendas por onde ecoam gritos e as vozes silenciadas pela cultura hegemónica. A diversidade cultural, a multiculturalidade e a interculturalidade encontram no interior da escola ou nos bairros circundantes o desafio permanente à coabitação, interpelam todos os agentes da comunidade a encontrarem, a reinventarem os gestos e a(s) linguagem(s) impulsionando, num paradigma dialógico (Buber, Rosenzweig, Ebner, Marcel, Levinas) relações carregadas de significado, convocando o outro, permitindo-lhe que seja um tu no espaço relacional e, desta feita, arrancando-o ao universo impessoal e ao

anonimato, para que no espaço do acolhimento e hospitalidade (Isabel Baptista, Paula Cristina Pereira, Levinas, Derrida) sejam recebidos e recebam, promovendo e garantindo reconhecimento do outro como pessoa (José Luís Gonçalves). O habitar é, com efeito, uma prática como narração que comporta a sociabilidade: a de *com-validar-se* no mundo do outro, no espaço público (Graciano R. Arnaiz); o que se articula com a promoção do enraizamento da especulação na praxis e, principalmente, com a vitalização da praxis pela reflexão (Luís de Araújo).

Estamos certos que as reflexões aqui reunidas constituem um contributo decisivo – apenas possível com o empenhamento de todos os participantes – para a compreensão da *espacialidade* como dimensão essencial da vida humana, dos modos de habitar como experiências de *dar-espaco...ao outro* e ao aprofundamento do diálogo entre as comunidades científica, educativa e social.